

As Primeiras Duas Décadas do DET e da UA: Uma Visão Pessoal

Pedro Guedes de Oliveira

I. INTRODUÇÃO

Algures no princípio de 1974 (ou talvez mesmo nos finais de 73), deslocou-se ao LFEN¹ o Vítor Gil, recém nomeado Reitor da nascente Universidade de Aveiro (UA), que vinha com indicações do Lopes Baptista para contactar algumas pessoas, com vista a uma eventual ida para a UA. O Baptista tinha trabalhado no LFEN durante uns anos – numa breve passagem de um percurso de Alentejano errante que deixou uma forte marca pelos vários sítios por onde passou – e, nessa altura, estava em Coimbra, preparando-se para mudar para a UA e arrancar com um novo departamento ligado à cerâmica e ao vidro. O desafio que o Vítor Gil trazia era encontrar quem, no animado e activo grupo de electrónica do LFEN, estivesse interessado em ajudar a arrancar com um departamento de electrónica e telecomunicações, em Aveiro.

Dos vários contactados fui o único que, embora reticente, ponderou avançar; o Dinis Santos só mais tarde se decidiria e o Francisco Vaz tinha estado no LFEN mas, depois de regressado de África, tinha ido trabalhar para a indústria privada.

Entre as razões que me atraíam contavam-se a juventude e o discurso inovador do Vítor Gil, o facto de eu estar a meses de acabar a minha comissão no LFEN (cuja duração estava indexada ao serviço militar obrigatório), o meu interesse em voltar para o Norte, mas, sobretudo, a possibilidade sempre sonhada de colaborar no arranque de uma nova universidade. Entre as que me faziam hesitar estava, sobretudo, a colagem que eu via entre a Universidade e o Regime, que me havia feito desinteressar de uma carreira académica.

Mas a verdade é que fui estabelecendo pontes e colaborando, com contactos regulares e algumas idas a Aveiro. Mas o que foi mesmo determinante para a minha decisão foi o 25 de Abril: juntar a esperança criada por um novo regime (que se augurava democrático e socialista) com a oportunidade de uma universidade nova e, sobretudo, potencialmente diferente, foi mesmo irrecusável.

II. O ANO LECTIVO 1974/75

Assim sendo, quando em Outubro fiquei livre, rumei a Aveiro para começar de imediato a trabalhar nas condições de arranque do curso de engenharia que deveria avançar no ano lectivo de 75/76. É engraçado (na altura, um pouco estranho, mas hoje, à distância, fascinante) chegar a um sítio e ter, apenas, uma mesa, dois companheiros (o Eugénio Alte da Veiga, que já lá estava e o José Carlos Príncipe, que se juntaria nos primeiros meses de 1975) e um papel branco, para começar. Não havia plano de curso, não havia modelo (todos os outros cursos, em Portugal, eram de electrotecnia geral), não havia laboratórios ou equipamentos, etc. etc. Havia, em contrapartida, um volume de dinheiro que, na altura e para nós, era muito considerável. Havia também uma revolução no seu princípio, permitindo todas as liberdades e sonhos.

Note-se contudo que, em simultâneo, decorria já o 1º ano de um bacharelato (de 3 anos) em Electrónica e Telecomunicações, para funcionários dos CTT, curso esse que só teve uma instanciação mas que correspondia à estratégia de a UA fazer, sobretudo, ensino técnico. Isto era fortemente apadrinhado pelo CET² a quem, até aí, incumbia fazer uma parte significativa da formação interna dos CTT que o Eng. Pinto Basto, seu director, gostaria de, não só descartar como sua primeira responsabilidade, como fazer subir de nível para um curso oficial.

A ligação entre a UA e os CTT é, então, muito forte, passando pelo facto de o próprio Eng. Pinto Basto integrar a Comissão Instaladora (onde tinha enorme ascendente) e de a UA funcionar nas instalações do próprio CET – o que levou a que as duas instituições tivessem uma identificação, na imagem pública, que perdurou muito para além da fase de instalação.

Esta ligação entre o CET e a UA teve profundas consequências, em particular no DET³. O Eng. Pinto Basto era, a todos os títulos, uma personalidade notável. Com grande energia e competência técnica, habituado a

¹ Laboratório de Física e Engenharia Nuclear, da Junta de Energia Nuclear

² Centro de Estudos de Telecomunicações, laboratório dos CTT em Aveiro, herdeiro do Grupo de Estudos de Comutação Automática (GECA)

³ Departamento de Electrónica e de Telecomunicações

um estatuto inquestionável e inquestionado (que nem o 25 de Abril pôs em causa) tratava-nos como uns miúdos que prezava, mas que tinham de ser acompanhados e guiados por um tutor óbvio, que era ele próprio. Só que nós não éramos esses miúdos, os tempos tinham mudado, a Universidade estava mesmo disposta a afirmar-se e isso gerou choques, alguns dos quais foram, na realidade, bastante duros.

As marcas deste começo perduraram e se, provavelmente, do ponto de vista dos CTT elas eram entendidas como resultado de uma atitude de irreverência jovem e esquerdizante, que marcou, a nível do país, aqueles primeiros anos pós-revolução, do nosso ponto de vista corresponderam à necessidade inevitável de afirmação própria, autónoma e independente, essencial para qualquer universidade e, muito mais, para uma universidade nova.

E foi assim que arrancámos. O Eugénio tinha formação em Física e tinha estado em Moçambique, eu tinha estado 6 anos a trabalhar no LFEN e o José Carlos, que, embora mais novo, era meu amigo desde miúdo, e tinha feito o estágio do curso de engenharia no LFEN e um mestrado nos EUA. E foi este grupo de 3 jovens, ainda não doutorados, que se lançou neste processo.

Eu hoje acho que aquilo que nos aconteceu, nessa altura, foi uma daquelas oportunidades da sorte que bafejam um tipo e deixam marcas para o resto da vida. Felizmente que, também, uma santa inconsciência nos impediu de ter o medo legítimo e, porventura, aconselhável, que uma iniciativa daquelas nos deveria fazer sentir.

III. O PRIMEIRO CURSO DO DET

Em Outubro de 75 chegaram os primeiros alunos “reais”, vindos do secundário. Eram, se não estou em erro, 12 e acho que ainda saberia o nome de todos. E se com muitos deles perdi, há muitos anos, o contacto, outros como o Arnaldo, o Ramos e o Cruz, ficaram por cá.

Rapidamente, o curso de 3 anos evoluiu para 4 e uma das primeiras guerras foi tentar aprová-lo, nesse formato, como licenciatura em engenharia. Como é óbvio – e como, provavelmente, os próprios ainda se lembrarão – os alunos viveram uma considerável instabilidade, com programas que iam variando no tempo e sendo adaptados às circunstâncias. Mas essa instabilidade era compensada por um corpo docente extremamente próximo, quer na presença constante, quer mesmo na idade. E, como a guerra dos 4 anos foi perdida, acabaram ainda por ter um 5º ano. Este, porém, eu não acompanhei, porque, nos finais de 78 tinha partido para a Holanda, por um ano, para iniciar o meu doutoramento.

IV. O DET NOS ANOS 80 - 85

Em 81 já o José Carlos, o Eugénio e eu havíamos concluído o doutoramento e, entretanto, tinham chegado vários outros docentes, alguns já doutorados e tendo a sua

origem, sobretudo, em Moçambique, mas também outros, em fases mais atrasadas da carreira. A casa começava a ficar composta, o número de alunos a aumentar e as áreas de investigação interna a diversificar-se. Sem querer ser redutor, não posso deixar de chamar a atenção para duas dessas áreas que juntaram uma razoável massa crítica e cunharam uma forte marca da UA:

A Engenharia Biomédica, alavancada pelos 3 elementos fundadores e suas ligações externas – sendo as do Eugénio a Coimbra e ao Pedroso Lima, as do José Carlos aos EUA e ao Jack Smith e as minhas próprias à Holanda e ao Fernando Lopes da Silva. Além disso, era intensa a colaboração com o ICBAS⁴, onde tinham particular relevância o Nuno Grande e o Corino de Andrade – que viria a receber um dos primeiros doutoramentos *Honoris Causa*, da UA. A engenharia biomédica criou raízes, o grupo cresceu e reproduziu-se, vindo a deixar uma marca profunda no DET e na sua projecção nacional e internacional.

Simultaneamente, o chamado grupo das tele apostava em três áreas: as redes de dados, as fibras ópticas e as microondas. Destas, só a terceira tinha alguma tradição em Portugal, sendo as outras duas inovadoras. Com vários doutoramentos realizados no UK vai-se dando a sua consolidação e vir-se-á a constituir um grupo muito forte com um papel de grande relevo no panorama nacional das telecomunicações.

V. OUTROS ASPECTOS DA UA NA PRIMEIRA DÉCADA

Embora o DET fosse um departamento importante na UA – era-o por causa do CET, porque foi o primeiro a arrancar com ensino, porque cobria áreas técnicas emergentes e visíveis – o resto da universidade sofria um desenvolvimento paralelo. A princípio, o grupo de docentes era muito pequeno (todos nos conhecíamos), mas apresentava uma diversidade de formação e origem significativa que promovia um ambiente aberto e pluridisciplinar, propício a experiências interessantes, que só foram possíveis pela capacidade revelada por um número significativo de pessoas, em colaborar empenhadamente.

Lembro-me, em particular, da formação *ad hoc* para trabalhadores da indústria cerâmica, sem formação secundária, que lhes permitiu o acesso à universidade. Lembro-me como isso foi galvanizante e como foi fácil encontrar colaborações para além de qualquer forma de contabilização de serviço docente.

Lembro-me também das tentativas de lançamento de uma graduação em Engenharia Biomédica ou de um curso e um departamento em Planeamento Regional e Urbano, ambas, contudo e por motivos diferentes, falhadas.

Visto a esta distância, muitos dos eventos que, na altura, nos envolveram fortemente e preocuparam, exigem um esforço de memória para serem recordados. A

⁴ Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, da Universidade do Porto

universidade era uma instituição muito viva, com tendências, ideologias, forças antagónicas, crises e guerras de poder, como seria de esperar num sítio e num tempo como foi a primeira década pós-revolução.

Neste período, a Comissão Instaladora foi reformulada e o Vítor Gil foi substituído, mas a fase de instalação continuou por mais uns anos, sem eleições.

Foi-se então consolidando uma certa normalidade, com o que isso tem de positivo, mas também de negativo. Com a entrada de (muitos) novos alunos e quadros docentes naturalmente crescentes, a universidade viu-se na necessidade de mudar de local, abandonando as instalações do CET. Os novos edifícios, embora feios e pouco estimulantes, às vezes provisórios, foram-nos acolhendo e pareceram-nos, em cada fase, uma melhoria extraordinária.

VI. A SEGUNDA METADE DOS ANOS 80

Em 1986 o Renato Araújo assume a reitoria da UA – é o seu primeiro Reitor eleito, num processo em que votaram todos os elementos da Universidade – e é com ele que se dá o grande desenvolvimento do Campus, que se transformará numa verdadeira mostra da arquitectura contemporânea, em Portugal.

O DET continua a ser um departamento emblemático e vai tendo um significativo crescimento em que os novos assistentes são, pelo menos em parte, já produto da própria escola. O grupo da engenharia biomédica adere ao INESC em 86 e o grupo das Tele intensifica a sua ligação ao CET.

Ao longo deste período, toda a universidade cresce e se consolida e vai perdendo o estatuto meramente regional, ao mesmo tempo que ajuda a fazer crescer a cidade. Não tem uma imagem homogénea de qualidade e iniciativa, mas alguns dos seus grupos e departamentos são de qualidade indiscutível e tem, além disso, uma cultura muito própria e uma considerável auto-estima.

Os programas CIENCIA e PEDIP ajudam a desenvolver a actividade científica e a ligação ao tecido económico. A UA tem uma prestação, no contexto nacional, que é claramente maior do que a sua dimensão.

VII. CONCLUSÃO

Nos anos 90, o que se passou é já suficientemente recente e acho que não vale a pena ser aqui recordado. Além disso, eu próprio já passei grande parte desse tempo do lado de fora, o que também me permitiu verificar que a UA mantém um invejável estatuto de referência.

Muitas vezes me tenho questionado sobre as razões que levaram a que a UA tivesse sido (como efectivamente eu acho que foi) uma instituição diferente, onde foi mais fácil inovar, onde se pôde fazer alguma experimentação, onde foi possível levar as pessoas a acreditar e a empenhar-se em projectos diferentes. Com certeza que teve influência a qualidade (e as qualidades) de muitos dos seus membros; também, com certeza que foram importantes alguns dos líderes que emergiram no processo. Mas houve, além

disso, algumas diferenças significativas: juntou-se um grupo de gente que tinha um projecto e um objectivo que, pelo menos nas suas linhas gerais, era comum, mas cuja diversidade de origem e experiência, fazia com que os hábitos, vícios e tiques de uns não fossem iguais aos de outros. Assim, quando começou, a UA não tinha nem onde alicerçar corporativismos nem podia sofrer de endogamia. Depois, tudo isto aconteceu num tempo exaltante em que se acreditou que o fim da ditadura e da guerra colonial, iriam permitir que tudo mudasse. Finalmente, tínhamos um projecto e conseguimos manter o essencial dele ao longo do processo e, ao contrário do que acontece, muitas vezes, na universidade portuguesa, a autoridade efectiva sempre se baseou na ética e na competência e não na hierarquia.

Entretanto, já saí da UA há mais de 10 anos. Acompanho agora, como observador externo, o que vai acontecendo. Ainda sinto emoção e entusiasmo, mas já não conheço os detalhes. Temo que, agora que vira Balzaquiana, a UA possa ficar menos vibrante e mais tradicional. Infelizmente, ao contrário dos anos iniciais, estes são anos de depressão e cepticismo; a renovação de quadros, vai ser lenta e difícil; a endogamia, o maior risco da universidade portuguesa, apresenta-se-lhe como uma ameaça que, oxalá, as novas gerações saibam lutar e vencer.

E, talvez toda esta minha visão do passado seja um pouco idílica; mas radica em duas coisas sobre as quais estou seguro: por um lado, o carácter excepcional da oportunidade que tive de ser elemento activo no nascimento e desenvolvimento inicial de uma experiência notável e, por outro, o entusiasmo com que eu, como quase todos os outros que nela participaram, o fizemos.

VIII. NOTA FINAL

Este último tópico é aquele que abordo com maior receio –pelo risco de omissões graves–, mas também com um sentido de obrigação. Ao longo dos parágrafos anteriores citei, a propósito dos eventos que fui descrevendo, algumas pessoas envolvidas na UA; mas há um outro conjunto de professores cujo nome, não tendo vindo a propósito, não quero esquecer. Citá-los-ei, por ordem alfabética, sem outras referências que não sejam o eu sentir que, na fase inicial deste processo, me influenciaram significativamente: a Ana Cardoso, o António Ferrari, o Aristides Hall, o Ferrer Correia, a Helena Nazaré, o João David Vieira, o João Gonçalves, o Júlio Pedrosa, o Luís Serrano, o Manuel Tomás, o Marques de Sá, o Mesquita Rodrigues, o Sousa Pereira, o Sousa Pinto e o Sushil Mendiratta.

E, finalmente, alguns dos meus alunos pré e pós-graduados, da UA –cuja nomeação e escolha ainda me seria mais difícil–, que foram uma fonte de aprendizagem, de entusiasmo, de amizade e de enorme prazer nesta profissão e que, penso eu, um a um, saberá que faz parte desta lista.